

# O LUGAR DA ÉTICA NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: CUIDADO E AUTOPOIESE

Cláudia Maria C. N. Bernardi <sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo problematiza a ética na formação do psicólogo. Investiga conceitos filosóficos e históricos que servem como ferramentas para pensar o tempo presente e podem contribuir para a constituição da ética nessa formação. Postula que a ética é a dimensão constitutiva do tornar-se psicólogo. Através do cuidado de si, os psicólogos estão constantemente construindo-se e, nessa construção, não há propriamente uma separação entre a ética e a estética, uma vez que se constroem como sujeitos e profissionais num exercício muito próximo da ascese. Conclui-se que a formação dos psicólogos é um processo complexo que envolve o cuidado, a autopoiese, a estetização da existência e também exige certos códigos que regulem esse processo, de modo que não se reduza a uma experiência solipsista e egoísta, excluindo o outro, o coletivo e a natureza.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética. Formação de Psicólogos. Cuidado. Autopoiese.

## THE ETHICS IN THE FORMATION OF PSYCHOLOGIST: CAUTION AND AUTOPOIESIS

### ABSTRACT

This article discusses the ethics in the formation of psychologist. Investigates historical and philosophical concepts that serve as tools for thinking time and this may contribute to the establishment of ethics in this formation. Posits that ethics is a constitutive dimension of becoming a psychologist. Through the caution-of-itself, they are constantly building itself and, in this construction, there is not a proper separation between ethics and aesthetics, since it builds as subjects and professionals in an exercise very close to asceticism. It is concluded that the formation of psychologists is a complex process that involves caution, autopoiesis, the aestheticization of existence and also requires certain codes that regulate this process, so that it is not reduce to a solipsistic and selfish experience, excluding the other, the collective and the nature.

**KEY WORDS:** Ethics. Formation of Psychologists. Caution. Autopoiese.

---

<sup>1</sup>Doutora em Educação pela PUCRS. Psicóloga, Professora dos cursos de Psicologia, Pedagogia e Licenciaturas na Ulbra-Gravataí. Endereço [claudia.nb@terra.com.br](mailto:claudia.nb@terra.com.br)

## **Introdução**

O trabalho de pesquisa<sup>2</sup> que originou este artigo foi composto a partir das minhas experiências como psicóloga, especialmente enquanto docente numa universidade particular. As problematizações emergiram do cotidiano da sala de aula, da supervisão de estágio acadêmico, assim como da supervisão de práticas clínicas em uma clínica-escola e orientação de trabalhos de conclusão de graduação, assim como do exercício de minha prática clínica.

Para a construção metodológica deste estudo, busquei rastrear as vivências, os instrumentos e as práticas que vivo e acompanho no exercício da docência em Psicologia. Utilizei documentos acadêmicos e documentos oficiais como as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, o Código de Ética e Resoluções do Conselho Federal de Psicologia. O procedimento de investigação utilizado foi eminentemente teórico.

Refletimos neste artigo sobre como nos ocupamos dos códigos e das normatizações que recebemos através da cultura em que estamos inseridos e, mais especificamente, enquanto psicólogos, como lidamos e nos construímos ao nos depararmos com as teorias psicológicas, as técnicas, as nossas práticas, regulamentações do exercício profissional e, conseqüentemente, com as tomadas de decisão e escolhas que fazemos no percurso de nossa formação.

## **Psicologia e ética**

Na atualidade, os pesquisadores Ferreira Neto (2004), Bernardes (2004), Baptista (2001), Freire (2000) e Coimbra (1992), entre outros, revelam ter os cursos de Psicologia cada vez mais um direcionamento tecnicista e esvaziado de potência crítica. Constatam a força da ideia de mercado na sociedade e, em particular, no domínio da formação profissional. Os autores citados constataam a predominância de uma formação que enfatiza e

---

<sup>2</sup> Este artigo resulta do trabalho de tese realizado no Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Tese orientada pelo Professor Doutor Marcos Villela Pereira.

favorece a mercantilização do ensino. Também apontam a necessidade de práticas psi mais solidárias e coletivas.

Ao revisar os estudos sobre a formação do psicólogo, verificamos o alerta para a mercantilização dos cursos de Psicologia e a presença de uma formação tecnicista e fragmentada, apesar da orientação das Diretrizes Curriculares<sup>3</sup> para os cursos de Psicologia para uma formação crítica e generalista. No seu Art. 5º as Diretrizes definem: “Fundamentos teórico-metodológicos que garantam a apropriação crítica do conhecimento disponível, assegurando uma visão abrangente dos diferentes métodos e estratégias de produção do conhecimento científico em Psicologia” (BRASIL, 2004, p.2).

Há na sociedade atual a ênfase em consumo nos diversos segmentos da vida. Nessa tendência, a educação também passa a ser um bem a ser consumido, torna-se mercadoria e, desse modo, passa a ter um valor de mercado. Os estudantes são preparados para essa lógica de mercado sem serem estimulados a perceberem como estão participando desse processo. A educação atual tem sido predominantemente regida por princípios de mercado e não por preocupações com a realidade social.

Ferreira Neto e Penna (2006) pesquisaram a relação entre ética e clínica no contexto da formação universitária do psicólogo. Salientam a importância da ética como conjunto de "práticas de si" na formação geral do psicólogo, ainda que essa ênfase não seja contemplada pelas Diretrizes. Também concluem em seu estudo que a palavra ética aparece duas vezes nas Diretrizes e com significado apenas de ontológico.

Percebemos com essa constatação o quanto o significado de ética está predominantemente construído, em nosso contexto educativo e também social, pela ideia de dever. A ética, marcada predominantemente pelo dever é a ética hegemônica em nosso contexto social e também educativo. Essa perspectiva pensa o comportamento moral do homem tendo o dever como parâmetro. A ética iluminista, fundamentada especialmente na filosofia do alemão Immanuel Kant, sustenta essa visão de ética como dever.

Neste estudo, buscamos compreender e nos aproximar da ética e do lugar que ela ocupa na formação do psicólogo, através de um ponto de vista que amplie a sua compreensão e não a reduza a um dever ou regra. Entendemos o conteúdo da ética como

---

<sup>3</sup> Em 15 de março de 2011 foram instituídas as novas Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Psicologia estabelecendo normas para o projeto pedagógico complementar para a Formação de Professores de Psicologia. As DCN de 2011 mantêm inalteradas todas as inovações trazidas pelas DCN de 2004.

histórico cultural e contingente. Por ser histórica, legitima-se através dos fundamentos filosóficos e culturais que emergem e se solidificam através dos diversos tempos históricos. É contingente por ser imanente, por não estar condicionada a fatores externos nem transcendentais. Trata-se de uma ética cujos valores se dão no percurso da vida, no desenrolar dos fatos.

Percebemo-nos marcados por contradições ao buscarmos compreender e elucidar o significado de ética. Mesmo a considerando como contingente, a percebemos também sustentada em valores universais e no dever. Entendemos que essa ambivalência ocorre por estarmos inseridos e também formados principalmente numa perspectiva deontológica da ética.

### **Sujeito, estética e ética**

Foucault privilegia em seus estudos sobre o cuidado de si o período da cultura helenística presente a partir do século IV a.C. até os séculos II e III da era cristã na qual nomeavam o cuidado de si como *epiméleia heautoû*. (FOUCAULT, 1995, p. 268). Como “cuidado de si” podemos compreender os exercícios e práticas do cotidiano que o sujeito incide sobre si e que constituem o modo de o sujeito relacionar-se consigo. O cuidado visava ao indivíduo tornar-se virtuoso; este objetivo sustentava as práticas e o empenho que tinha consigo mesmo.

Na constituição de si dos gregos estão entrecruzados a *mathesis* – o conhecimento, *techne* – habilidade para o exercício do conhecimento, *askesis*- prática da virtude (RUIZ, p. 135, 2004).<sup>4</sup> Para a virtude ser alcançada se faz necessária a prática, exercitar o conhecimento, pois é ele que habilita o sujeito e, desse modo, proporciona o advento da virtude.

A partir dos valores presentes nesses conceitos, que são históricos e pertencentes a um determinado tempo e cultura, entendemos que os mesmos podem ser reinventados e usados como dispositivos para refletirmos e engendrarmos orientações balizadoras para a formação dos sujeitos. Entendemos que o *cuidado*, essa prática de relação consigo e com os outros, nos oferece uma possibilidade ética. Assim, emerge da busca do lugar da ética na

---

<sup>4</sup> Para cultura greco-romana *askesis* capacita o sujeito para “selecionar direcionar os desejos para um sentido de da vida”. Para a tradição cristã a *askesis* sofre modificações e passa a ser compreendida como repressora dos desejos(Ruiz, 2004, p. 136).

formação do psicólogo a compreensão da ética como cuidado, entendido como construção de si.

A compreensão da ética como cuidado nos aproxima do conceito de *autopoiese*<sup>5</sup>, idealizada a partir dos sistemas autopoieticos desenvolvidos por Maturana e Varela (1998). Esses autores definem os seres vivos como sistemas que produzem continuamente a si mesmos em interdependência com o meio em que estão inseridos. Essa definição nos leva a pensar na capacidade dos seres humanos de se produzirem a si próprios, através da auto-organização e autocriação. Desse modo, acreditamos que é necessário o trabalho árduo sobre si mesmo, a fim de que sistemas autopoieticos se instalem e agenciem modos singulares de existência.

Foucault desenvolve suas teorias destacando a estética da existência. Substituiu “uma história dos sistemas de moral, feita a partir das interdições por uma história das problematizações éticas, feita a partir das práticas de si” (2007, p. 16). Elucida sobre o estabelecimento das regras de conduta, prescrições e códigos e sobre o modo de o sujeito se conduzir – maneira pela qual se constitui a si mesmo, como sujeito moral. Os elementos de um código moral são alimentados pelo modo como o sujeito valida as regras que recebe, como as trabalha em si mesmo, as elabora e as concretiza.

A partir do reconhecimento da indissociabilidade das regras morais que são impostas ao sujeito e das práticas de si que o sujeito se impõe a partir delas, nos interessa pensar como esses elementos aparecem na formação do psicólogo. Desse modo, podemos definir como códigos de disciplinamento para o psicólogo: Código de Ética; resoluções do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e as Diretrizes Curriculares. A outra instância são as formas de subjetivação que podemos entender como a relação consigo, o modo como o sujeito elabora seus sentimentos e executa suas ações, como pensa e como exercita o seu pensamento.

### **Diretrizes curriculares, Código de Ética Profissional e “as práticas de si”**

Para a Lei 9394/96 (LDB) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Profissional (BRASIL, 1997), a orientação para a formação profissional deve ser feita através

---

<sup>5</sup>Do grego *auto*, próprio, *poiesis*, criação.

do modelo das competências. As competências se caracterizam por um conjunto de habilidades que caracterizam uma função ou profissão.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia (BRASIL, 2004) definem as competências e as habilidades necessárias para a formação do psicólogo no seu Art. 4º, a saber: Atenção à saúde; Tomada de decisões; Comunicação; Liderança; Administração e gerenciamento e Educação permanente.

No Art. 8º, as Diretrizes Curriculares para os cursos de Psicologia indicam que as competências devem capacitar o psicólogo para a utilização do conhecimento psicológico em contextos diversos “que demandam a investigação, análise, avaliação, prevenção e atuação em processos psicológicos e psicossociais, e na promoção da qualidade de vida”.

A partir das habilidades e das competências definidas nas Diretrizes Curriculares questionamos: Como o psicólogo faz as leituras das questões sociais, da realidade que o circunda? Aproxima-se dos aspectos sociais e políticos implicados nas relações pedagógicas? Reflete sobre as exclusões e inclusões do mundo educativo e social? Possui uma atitude investigativa e crítica diante dos processos educativos que vive?

Esses questionamentos, presentes no cotidiano da formação e da profissão do psicólogo, num contexto histórico no qual não possuímos verdades e princípios que sirvam a todos, nos leva a interrogarmos sobre o lugar do outro na nossa existência. Como o concebemos e o acolhemos? Nossas ações éticas se dão em nós e entre nós, aparecem e se tornam visíveis através dos nossos posicionamentos, dos nossos valores e de como olhamos e escutamos as pessoas. O que faz com que sejamos mais reconhecidos e valorizados que outras pessoas ou, ainda, por que determinados sujeitos passam a ser invisíveis, ou passam a ser um objeto?

Ruiz (2004) nos esclarece que a alteridade não é universal. O outro é compreendido dentro de um sistema de códigos, de relações e de valores, que é construído num dado tempo e circunstância. Também é nessa relação que nossa subjetividade se produz, e é nesse cruzamento, nesse “sem fundo”<sup>6</sup>, que nos constituímos. Reconhecemos que, nesse espaço de abertura que o “sem fundo” nos dá, temos múltiplas possibilidades, porém, espaços de opressão e de ausência de liberdade são hegemônicos. Estamos, enquanto humanidade, excessivamente individualistas e narcisistas. Buscamos o imediatismo, o prazer rápido, a nossa satisfação. Estamos engolidos por engrenagens e modelos homogeneizantes.

---

<sup>6</sup> Expressão usada por Ruiz (2004).

Somos muitos, e a maioria vive na miséria, sem usufruir do progresso nem da ciência. Nossas liberdades são questionáveis, nossa solidariedade é estreita e limitada, e o rosto do outro pouco nos emociona.

Muitas vezes não percebermos o outro e, além disso, às vezes gostamos de ver o sofrimento e o perpetuamos, nos afirmando através da desgraça do outro. Nossa cultura é marcada pelo ressentimento, responsabilizamos e estabelecemos no outro a causa de nossos temores. Aquele que é diferente muitas vezes é eleito como o que causa a nossa tragédia. Desse modo, não nos reconhecemos no outro; vemos nele o inimigo, o que deve ser contido ou eliminado. Em nome de nossas verdades e crenças, do que definimos como correto e normal, impusemos ao outro a exclusão e a violência. Ao não reconhecermos a dimensão humana como legítima, produzimos ações e respostas que, provavelmente, trarão mais violência. Quando falta a palavra, a possibilidade do entendimento e do diálogo instala-se em outro domínio, o da força e da coerção.

Ao avaliarmos essa situação, sabemos o quanto a formação em Psicologia ainda não sensibiliza suficientemente os alunos a trabalhos comunitários e coletivos e também a posicionamentos mais críticos. Isso se deve a ainda mantermos, em alguns momentos, uma visão redutora de homem e de mundo. Por outro lado, sabemos o quanto os alunos refletem a lógica individualista e competitiva da sociedade na qual estamos inseridos. Como pessoas pertencentes a um determinado campo social, estamos sendo incentivados a circularmos no nosso próprio meio, não contemplando o diferente, ou seja, não convivemos com aquele que vive, pensa e se posiciona diferente de nossos hábitos e costumes. Podemos pensar que mesmo com todos os discursos enfatizando a importância da convivência dos diferentes, somos, enquanto sociedade, ainda intolerantes e preconceituosos.

O Código de Ética do psicólogo indica aos psicólogos e também aos estudantes de Psicologia<sup>7</sup>, no art. 1º, deveres fundamentais dos psicólogos: “Prestar serviços psicológicos de qualidade, em condições de trabalho dignas e apropriadas à natureza desses serviços, utilizando princípios, conhecimentos e técnicas reconhecidamente fundamentadas na ciência psicológica, na ética e na legislação profissional” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p. 8).

---

<sup>7</sup> “Art. 17 – Caberá aos psicólogos docentes e supervisores esclarecer, informar, orientar e exigir dos estudantes a observância dos princípios e normas contidas neste Código” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2005, p.14).

Entendemos que a formação se constitui essencialmente do trabalho ético que o sujeito deposita sobre si mesmo através de exercícios e reflexões, práticas que se tramam no conhecimento e na técnica. Pensamos que a formação do psicólogo exige que o ensino das abordagens teóricas seja amplo e plural, assim como da instrumentalização e preparação dos alunos para as diversas possibilidades de atuação.

Reconhecemos a importância da formação generalista nos cursos de Psicologia. No entanto, entendemos que ela não é suficiente para uma formação eficaz e plural, pois o que sustenta uma formação ampliada e diversa é o conhecimento das fundamentações de cada teoria e de cada prática, o entendimento de como se tornaram o que são e o entendimento das bases que as fundamentam. Esse conhecimento só passa a ser pertencente aos alunos e profissionais de Psicologia através do exercício da virtude, entendido como a busca do que é bom e justo. Essa busca exige a capacidade de contextualização, de avaliação das contingências, e assim, do melhor posicionamento possível. Como nos tornamos hábeis para a melhor escolha? Acreditamos que especialmente através da ética, do cuidado consigo e da capacidade de reconhecer a importância dos outros e das circunstâncias envolvidas no contexto.

É a realidade que se apresenta e que nos desafia: são as pessoas com suas narrativas, seus problemas; é a realidade social com suas contradições e crueza que nos afronta e nos exige posicionamentos nas intervenções, laudos, pareceres e projetos de trabalho nas áreas da saúde, da educação, jurídica, do esporte, comunitária e em tantos outros espaços que estão surgindo como locais possíveis de intervenção do psicólogo. Quantos lugares, quantas áreas hoje estão abertas aos psicólogos e o quanto essas mesmas possibilidades também trouxeram desestabilidade à profissão?

Mesmo as áreas mais tradicionais da Psicologia estão sendo revisitadas devido à velocidade das mudanças nas relações interpessoais, assim como em todos os segmentos da indústria e da ciência, muito claramente expressos nas biotecnologias e na informática. Por outro lado, podemos pensar que a ideia de estabilidade presente em nossas práticas anteriores é ilusória e que, na verdade, os limites da profissão é que estavam mais rigidamente estabelecidos, assim como as atribuições aos psicólogos.

Mudanças foram exigidas, na medida em que o psicólogo passou a prestar atenção à realidade, a se sentir sensibilizado pelos movimentos sociais. Também, a realidade com suas mudanças e outros modos de vida passou a provocar nos psicólogos o sentimento de



incapacidade em solucionar as tarefas postas. Uma crise se instituiu, mal-estar decorrente do impasse produzido pelos movimentos das pessoas e do mundo, pelas novidades tecnológicas, os avanços na ciência e todas as modificações interpessoais e políticas do mundo contemporâneo.

Pensar na formação de psicólogos e na ética profissional resulta do desconforto, do mal-estar no qual estou inserida, na crise em que vivemos no ensino e nas práticas da Psicologia. Há a sensação de que o que fazemos não está de fato conectado à realidade, ou melhor, ao que deveria ser a realidade, pois temos a sensação de que não damos conta daquilo com o qual temos de trabalhar. Temos uma fundamentação muito centrada na adequação, na normalidade, porém, a realidade é desgovernada e surpreendente.

Como trabalhar com a ética como cuidado, como trabalho de si, numa perspectiva da diferença e, ao mesmo tempo, manter como válidos alguns valores pertencentes ao momento histórico em que vivemos, mas sem pretendê-los universalizastes, e sim valores que contemplem as necessidades básicas das pessoas para uma vida decente e digna? Para nos aproximarmos das respostas julgamos necessário que nos perguntemos: Que modos de viver estamos ajudando a constituir através de nossas intervenções? Sem espaços de reflexão podemos inferir que nossas práticas tenderam e tenderão a ser excludentes, reduzidas e que estaremos a alimentar práticas discriminatórias. Podemos executar trabalhos técnicos, ser funcionários exemplares de teorias e de metodologias, mas talvez possamos estar consolidando modalidades competitivas, excludentes, racistas e sexistas. Corroboramos com nosso posicionamento a orientação do Código de Ética (2005, p. 9) no seu art. 2º. Ao psicólogo é vedado:

- a) Praticar ou ser conivente com quaisquer atos que caracterizem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão;
- b) Induzir a convicções políticas, filosóficas, morais, ideológicas, religiosas, de orientação sexual ou a qualquer tipo de preconceito, quando do exercício de suas funções profissionais;
- c) Utilizar ou favorecer o uso de conhecimento e a utilização de práticas psicológicas como instrumentos de castigo, tortura ou qualquer forma de violência;

Em nossas práticas psi a ética não é externa, separada, e sim a substância que define as nossas ações. Não é suficiente o conhecimento e a técnica, elas dependem de uma visão ética e também política, aspectos que são intrínsecos as nossas ações. Patto (2005) alerta que o político é inerente à teoria e à técnica. Essa afirmação remete a pensar sobre os instrumentos psicológicos e o quanto se faz necessário conhecer seus fundamentos.

A política está ligada aos desvelamentos das diversas forças que atuam, de como se entrelaçam, aparecem e de quem as representa. A política supõe o poder, e o poder se mantém por regimes de verdade, se sustenta através de posicionamentos, e a crítica pode nos auxiliar nesse esclarecimento. Segundo Foucault, “cada sociedade tem [...] tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros” (FOUCAULT, 1979, p. 12).

Neste trabalho não temos a pretensão de colocar em questão a validade do conhecimento, das técnicas e do aperfeiçoamento profissional, pois os entendemos como legítimos. No entanto, afirmamos neste estudo que esses elementos, sem o posicionamento ético e político, são práticas esvaziadas que podem ser repetitivas e redutoras e, assim, produtoras de modos de subjetivação homogêneos e massificados.

### **A profissão do psicólogo e os dilemas éticos**

À medida que o psicólogo saiu da clausura dos consultórios e gabinetes e passou a circular socialmente, nos diversos espaços de trabalho, nos novos territórios na educação, na saúde, na indústria, nas novas tecnologias e também na área bioética, a complexidade do seu trabalho aumentou e com isso surgiram novas exigências de atuação. Então, as práticas precisaram ser pensadas, teorizadas, pois não eram campos pesquisados nem de interesse dos psicólogos.

Ao adentrar nos espaços cotidianos, surgiram conseqüentemente tensões no espaço de trabalho, dúvidas, inseguranças. O psicólogo se desterritorializa, pois sai de lugares conhecidos, normalmente a clínica tradicional do consultório para classes privilegiadas ou médias, e parte para o atendimento a populações em vulnerabilidade social, o mundo hospitalar, jurídico, do esporte, das novas biotecnologias, políticas públicas, políticas de redução de danos, grupos, mídias, informática, *bloggers*, internet, mundo digital,

redes sociais e todo um universo *hitech*, ou seja, a complexa e alta tecnologia presente em nosso cotidiano.

A existência humana expressou, através da arte e da literatura, suas angústias, medos e as questões básicas de busca de sentido e finalidade para a vida. As questões da vida, da morte, do bem e do mal estiveram presentes e questionando a humanidade. O poder, a ganância, o amor e o ódio produziram solidão, sofrimento e também novos agenciamentos construtores de novas possibilidades de expressão da vida. O vazio da existência, a falta de sentido, a busca de sentido – transcendente através de Deus, ou imanente, através das experiências e das relações estabelecidas – sempre produziram material que nutriram e construíram a psique humana.

Apesar de nossa inteligência, de todos os novos modos de expressão que inventamos, continuamos oscilando entre o bem e o mal, como nos diz Sófocles (496 aC-406 aC) em *Antígona*, ao enaltecer o homem com suas aprendizagens e capacidades.<sup>8</sup>

Atualmente todos os velhos sentimentos e conflitos estão presentes e nos instigando a perguntar: quem somos nós, para onde vamos, de onde viemos, o que queremos, o que é o bem, o que é o mal e tantas outras perguntas. Junto dessas reflexões tão velhas e tão atuais, ainda companheiras de nossas práticas, o mundo produziu uma avalanche de novas formas de vida, novos sujeitos, sentimentos diferentes e múltiplos sobre as coisas, novas concepções tecnológicas e urbanas. Estamos nos replicando e produzindo dispositivos tão rápidos sobre nós mesmos, que temos a sensação de que não nos acompanhamos mais.

A configuração atual em que vivemos não possui linearidade nem regras duradouras e talvez esteja nos dizendo para começarmos de qualquer lugar, a partir da afecção que chegar até nós e que nos possibilite vibrar com o que nos afeta. Talvez sejamos dançarinos, como nos fala Nietzsche, bailarinos na dança caótica que a contemporaneidade nos apresenta. “Eu vos digo: é preciso ter ainda caos dentro de si, para poder dar à luz uma estrela dançante” (NIETZSCHE, 1983, p. 34).

---

<sup>8</sup> “No centro da arte dos poetas trágicos está sempre uma situação que coloca o herói diante da escolha entre dois bens. [...] É nisto que consiste a reviravolta trágica: o herói escolhendo um bem, mas desde o início de sua ação já se anunciam as sombras do “erro” – isto é, de uma limitação própria do homem, incapaz de realizar todos os bens” (ROSENFELD, 2002, p.13).

Diante de todas as pulsações e conflitos que nos atingem, como nos preparamos para nos posicionarmos sobre o mundo? Afinal, respostas são necessárias, cuidados são imprescindíveis, e ações nos são exigidas.

Mesmo com as regulamentações e orientações das resoluções, dos manuais e dos códigos, assim como da reflexão sobre os fatos, corremos sempre o risco de estar equivocados, por isso enfatizamos a importância da formação, da experimentação, de aprendermos o exercício da ponderação, de estarmos preparados para mediar relações e situações, para lembrar que não existem o certo e o errado. Existem circunstâncias, fatos ocasiões e nelas precisamos exercer nossos conhecimentos, fazer escolhas, indicar caminhos, acompanhar percursos, refletir e provocar questionamento.

### **Ética e contemporaneidade**

Pensando na contemporaneidade, temos o consumismo como um elemento constituinte da subjetividade. Atualmente é marcante a presença de indivíduos consumistas, compulsivos, adictos, que estão sempre prontos a consumir e transbordar, a compactuar com intensidades imediatas, com prazeres rápidos. Sujeitos que buscam intensidades, mas intensidades instantâneas, volúveis, voláteis, que se dissipam e, então, outros consumos se fazem necessários. As infinitas possibilidades que a ideologia liberal nos apresenta fazem com que nos perguntemos: podemos tudo? Assim, acreditando nessa proposta subliminar nos tornamos compulsivos, hiperativos e consumistas. Consumimos com que medida, com qual sabedoria? Penso que abandonamos esses parâmetros quando nos afastamos do cuidado, quando deixamos de nos preocupar conosco, quando deixamos as coisas nos arrebatarem sem um trabalho sobre nós, quando vivemos o oposto da ponderação e da temperança. Estão nesse “sem fundo” que constitui modos de vida, e ao mesmo tempo na exigência do dia-a-dia, precisamos formar pessoas para tomadas de decisão.

A ética kantiana da autonomia e da busca da universalidade está presente como uma exigência na formação das pessoas enquanto cidadãos e também como profissionais. Há no discurso liberal infinitas possibilidades, mas estão nos dadas, de fato, todas as possibilidades? Fazemos valer aquilo que valoramos como bom e que nosso sentido definiu como bom, se orientou naquela direção, houve uma confluência de forças que assim o direcionaram?

Fazendo uma análise a partir dos estudos de Foucault sobre a cultura grega clássica, constatamos que o consumismo atual é desmedido, oposto da *enkrateia* (autodomínio). O significado dessa palavra possui, historicamente, aproximações com o termo *sophrosune*, nos elucida Foucault. A *sophrosune* como a virtude da temperança e a *enkrateia* como domínio de si” (Foucault, 2007, p. 60-61).

Assim, pensamos que os significados inerentes às virtudes gregas da Antiguidade, mesmo não podendo ser aplicados diretamente, pois vivemos tempos históricos diferentes, podem nos auxiliar a refletir sobre nossas ações e posicionamentos diante de nossas práticas profissionais. A *enkrateia* e *sophrosune* são virtudes que capacitam o sujeito para o domínio de si” (RUIZ, 2004, p. 142).

Ao exercermos o cuidado sobre nós, prestamos atenção a nossos sentimentos, a nossa percepção e a como estamos sendo agenciados. A partir desses reconhecimentos, podemos avaliar e ponderar uma situação. Ao nos experimentarmos e nos trabalharmos diante dos fatos e das circunstâncias vividos, temos a possibilidade de resolvê-los.

A *autopoiese* pode ser um espaço de liberdade, ao proporcionar ao sujeito a autocriação e o refazer-se, mas também os discursos sustentados na ideia da inovação e da criação podem adotar modos de repetição, replicando modelos antigos disfarçados de novos e criando a ilusão de liberdade. A liberdade na contemporaneidade está sustentada no modelo de liberdade produzida na subjetividade capitalística<sup>9</sup>, em que as relações são perpassadas por essa lógica. Na perspectiva filosófica greco-romana, a ideia de liberdade não contemplava o imediatismo, nem uma ação desmedida, e sim o trabalho de ascese sobre o próprio desejo, reconhecê-lo, sabê-lo e principalmente de construir esse desejo.

Ao pensarmos a ética como cuidado, a entendemos como produtora de sujeitos que podem almejar serem livres pelo exercício da virtude, ou seja, ética como prática que constitui a subjetividade. Também enfatiza a procura do que é bom e justo para o sujeito e para o coletivo.

Vivemos atualmente, práticas de sujeição aos modos de vida instituídos. Por outro lado, a ética como constituída pelos modos de subjetivação e como prática que produz os

---

<sup>9</sup> Expressão cunhada por Guattari para definir os modos de subjetivação que não estão restritos a determinações econômicas, e sim ao funcionamento do desejo no campo social, a partir do capitalismo moderno, que Guattari nomeia de Capitalismo Mundial Integrado - CMI (GUATTARI; ROLNIK, 1993).

sujeitos pode oferecer, através do cuidado, possibilidades de resistência, espaços de liberdade à sujeição.

Na perspectiva da ética como cuidado aparece não só a capacidade do sujeito de discernir sobre a direção e intenção dos seus desejos através da razão, mas também como é apontada por Foucault (2006): a relevância da presença do outro, que pode ser o mestre, o discípulo. Na formação dos psicólogos, a supervisão dos estágios caracteriza-se por ser um espaço de interlocução dos estagiários com o professor supervisor, a fim de buscar intervenções e ações pertinentes e capazes de promover a saúde dos indivíduos ou coletivos.

Precisamos pensar a nossa liberdade definida através da interpelação do outro, a presença como exigência e, conseqüentemente, a responsabilidade que daí resulta e nos atravessa produzindo tensão e dúvida. Como conciliar o cuidado de si com o outro? Entendemos que através do cuidado de si podemos discernir os modos de sujeição e de governo sob os quais estamos submetidos.

O ocupar-se consigo é fundamental, mas, ao mesmo tempo, vivemos em uma sociedade que nos incentiva ao individualismo, ao narcisismo e não desenvolve nem estimula práticas solidárias. Somos incentivados a falar, a confessar, a nos mostrar, como se estivéssemos numa bolha que se exhibe e não se afeta pelos sentimentos dos outros, parecendo, inclusive, que o outro existe para assistir, servir. “Haverá um número suficiente de nós para sustentar “nosso modo de vida”?” (BAUMAN, 2005, p.171). Seriam a miséria e a exploração de muitos a condição do desenvolvimento e bem-estar de alguns?

Quando nos aproximamos de questões que mostram injustiças e desigualdades entre as pessoas, percebemos o quanto *muitos de nós* estão apartados da grande maioria das coisas e funcionamentos considerados globais e de direito de todos.

Como saber então qual a melhor prática, a melhor decisão numa sociedade múltipla e com tal diversidade de valores? Acreditamos que a resposta que encontramos através do desenvolvimento deste estudo seja uma aproximação e não uma convicção. Ao exercermos o cuidado sobre nós, prestamos atenção a nossos sentimentos, a nossa percepção e a como estamos sendo agenciados. A partir desses reconhecimentos, podemos avaliar e ponderar uma situação. Ao nos experimentarmos e nos trabalharmos diante dos fatos e das circunstâncias vividos, temos a possibilidade de resolvê-los.

## Formação, ética e Psicologia

Vivemos em uma sociedade fragmentada e repleta de múltiplas referências e que, por sua diversidade, não sustenta a obediência como mantenedora da verdade. A obediência supõe a universalidade, categoria que julgamos incapaz de dar conta das diferenças sociais e culturais. A ética e a estética que nos propomos investigar são possibilidades, são contingências, e não determinismos. São construídas e também podem construir outras possibilidades.

Ser o que se é consiste em um trabalho sobre si, mesmo que é a condição para nos tornarmos aquilo que somos. Não está presente uma identidade concluída, e sim o contínuo movimento de fazer-se a si mesmo.

O “sem fundo humano”, lugar no qual nos constituímos e recebemos dispositivos de estar no mundo, é também o que nos oferece matéria-prima para exercermos práticas sobre nós mesmos. Esse movimento, a relação consigo mesmo, que concebemos como ética, não é ensinada formalmente e é, na verdade, constituída na composição infinita de possibilidades, na qual o sujeito está inserido e que abrange aspectos sociais, culturais e históricos.

Trabalhamos com a formação de pessoas, para que se tornem profissionais que irão *cuidar* de outros. Há responsabilidade, há implicação nesse fazer, e também a necessidade de que o formador proporcione esclarecimentos e, no mínimo, proponha algumas direções. Há no estudante de Psicologia, no seu olhar e no seu fazer, um pedido de que lhe sejam dados condições e conhecimentos capazes de torná-lo um psicólogo que possa estar hábil e competente às demandas exigidas a este momento histórico no qual vivemos.

Na construção da subjetividade, construímos um saber, e esse saber necessita de uma técnica que o habilite, o faça concreto e aplicável e, para atingirmos essa prática, é necessário um trabalho sobre si, práticas de ascese que permitam governar os desejos. Esse processo penso que seja a construção de como podemos nos tornar virtuosos ou de como praticarmos a virtude.

A relação entre saber e agir atualiza a *phronesis* de Aristóteles – saber da compreensão, habilidade de se colocar numa situação palpável, de analisar a situação e decidir, através da compreensão particular, o que é justo para determinada situação vivida. É um saber que contempla a vida, a experiência o contexto do sujeito e que, portanto,

envolve uma compreensão, um saber ético. *Phronesis* é tomada como possibilidade, sabedoria que nos orienta a incluir aos nossos interesses e posicionamentos e também os interesses da coletividade. A *phronesis* pode “[...] minimizar as exacerbações de uma autocriação do eu” (HERMANN, 2007, p. 366).

A cada situação, a cada momento, nós somos exigidos a nos fazermos. Esse processo é autopoietico, ou seja, de construção e criação de um estilo singular, ou seja, a estética, a poesia e a beleza da *poiesi*, o fazer-se enquanto uma obra, uma criação. O material da construção de nossa própria vida é proveniente das experiências vividas; não se trata de um ideal, de uma reminiscência, trata-se da vida, da existência e do fazer-se.

### **Considerações finais**

Na formação do psicólogo, as forças do conhecimento (*mathesis*) entram em conflito, porque podemos possuir o conhecimento, mas é preciso saber discerni-lo, estar habilitado a usá-lo. Preparamo-nos para as intervenções, às práticas e atendimentos, à medida que fazemos, que agimos. Por isso, a crise do praticante, daquele que faz, que pensa, toma decisões e precisa resolver situações. Domínio de si e temperança também compõem a virtude e são especialmente importantes às tomadas de decisões.

No entanto, vivemos num mundo que nos diz que podemos tudo. Consumimos o quê? Em que medida? Somos sociedade de compulsivos, hiperativos, deprimidos, bipolares, narcisistas. Não são esses os diagnósticos que mais observamos nos consultórios, nas escolas, na mídia?

Um dos dilemas presentes no exercício profissional do psicólogo consiste em encontrar a justa medida. Como usar da justa medida no uso do poder, na relação com os pacientes ou com instituições e grupos? O cuidado de si, o ocupar-se consigo são ferramentas que habilitam ao psicólogo à justa medida, à resposta mais adequada. “A virtude habilita o sujeito para o comando de si” (RUIZ, 2004, p. 138). Não é um processo tranquilo, mas agonístico, que põe o sujeito em dilemas, em conflitos que exigem respostas que não são fáceis de serem elaboradas.

A liberdade não consiste simplesmente em satisfazer o desejo, mas saber significá-lo através de uma ideia de bem, que seja virtuosa, o que proporciona o governo de si.



Porém, para alcançarmos um sujeito capaz de cuidar-se e de exercer a virtude, se faz necessário um processo de educação e de formação.

A ética na formação em Psicologia é a dimensão constitutiva do tornar-se psicólogo. Elaboramos uma técnica, podemos chamá-la de um saber que nos habilita ao exercício da profissão. Nesse saber construído, não há separação entre ética e estética, somos éticos porque nos construímos, num exercício de ascese e que ao mesmo tempo nos constrói como uma obra e, nesse movimento, temos a estética.

A formação em Psicologia precisa ocorrer a partir de uma série de práticas, estudos, leituras, observações e estudos. Além do currículo, da extensão e das práticas supervisionadas, também é recomendada ao estudante e ao psicólogo a psicoterapia pessoal. A psicoterapia pessoal é um importante dispositivo de cuidado consigo, de possibilidade de autoconhecimento e de discernimento, a fim de melhor lidar com a subjetividade humana. “Nenhuma habilidade técnica ou profissional pode ser adquirida sem exercício; nem se pode aprender a arte de viver, a *technè tou biou*, sem uma ascese que deve ser tomada como um treinamento de si por si” (FOUCAULT, 1995, p. 272).

“Ocupar-se consigo” e “tomar cuidado de si mesmo” são sentenças presentes e fundamentais na formação do psicólogo. Como psicólogos, precisamos nos ocupar conosco, especialmente para estarmos preparados para nos ocuparmos especialmente com as emoções e os sentimentos de outras pessoas. No exercício da profissão de psicólogo, o outro nos interpela e nos exige cuidados.

O objeto de nosso estudo, a ética na formação do psicólogo, continua nos provocando e inquietando. No entanto, encontramos alguns pressupostos que nos ajudam a ler o mundo, a buscar a compreensão e o sentido das nossas práticas. Não há roteiro, mas temos pistas, temos a indicação de que precisamos nos ocupar conosco, com nossa ação e nosso pensar e que, através desses movimentos, poderemos sim trabalhar nossas práticas psi em proveito dos outros, para os outros e com os outros. Afinal, para que serviria a nossa formação ética, se não para proporcionar que nos desenvolvamos e que desenvolvamos também o outro.

Pensamos que o processo de formação dos psicólogos envolve a *autopoiese*, a estetização da existência e também precisa de códigos que regulem esse processo, para que não se restrinja a si mesmo, excluindo o outro, o coletivo e a natureza. Assim, junto ao fazer-se, podemos trazer a *phronesis* como a possibilidade de mediar o individual e o coletivo.

## REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Vidas desperdiçadas*. Trad. por Cláudio Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

BAPTISTA, L. A. do S. **A fábrica de interiores**. Niterói: Eduff, 2000.

BERNARDES, Jefferson de Souza: **O debate atual sobre a formação em Psicologia no Brasil: permanências, rupturas e cooptações nas políticas educacionais**. Tese (Doutorado em Psicologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2004.

BRASIL, Ministério da Educação. Resolução CNE/CES Nº 8, de 7 de maio de 2004: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia, <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces08\\_04.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rces08_04.pdf)> acesso em 15 de novembro de 2008

BRASIL, Ministério da Educação. Resolução CNE. Orientação para as diretrizes curriculares dos cursos de graduação. CNE/CES Nº 776/97 <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0776.pdf>> acesso em 10 de outubro de 2008.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. **Gerentes da ordem: algumas práticas psi nos anos 70 no Brasil**. Tese de Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano. Instituto de Psicologia. Universidade de São Paulo, USP, 1992.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2005.

FERREIRA NETO, João Leite. **A formação do psicólogo**. Clínica, social e mercado. São Paulo: Escuta, 2004, Belo Horizonte, 2004.

FERREIRA NETO, João Leite, PENNA, Lícia Mara Dias. Ética, clínica e diretrizes: a formação do psicólogo em tempos de avaliação de cursos. **Estudos de Psicologia**, Maringá, Maio/Agosto 2006 v. 11, nº 2, p. 381 - 390.

FOUCAULT, Michel. O Sujeito e o Poder. Apêndice da 2.ed. In DREYFUS, Hubert e RABINOW, Paul. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade - II- O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal, 2007. FREIRE, José Célio. **As Psicologias na modernidade tardia: O lugar vacante do outro**. Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade - II** - O uso dos prazeres. Rio de Janeiro, Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal; 1979

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993.

HERMANN, Nadja. Phronesis: a especificidade da compreensão moral. In: **Educação**. Porto Alegre/RS, ano 30, n. 2 (62), p. 365-376, maio/ago. 2007.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas y seres vivos**. Autopoiesis: La organización de lo vivo. Santiago de Chile: Editorial universitaria, 1998.

PATTO, Maria Helena Souza. **Exercícios de indignação**. Escritos de Educação e Psicologia. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

ROSENFELD, Kathrin Holzermay. **Sófocles & Antígona**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.

RUIZ, Castor M. M. Bartolomé. A ética como prática de subjetivação: esboço de uma ética e estética da alteridade. In: PIVATTO, Pergentino (Org.). **Ética: crise e perspectiva**. Porto Alegre: Edipucrs, 2004.